

"COLOMBO" A "CABRAL".

Anteriormente conhecido como "Colombo" e depois "Cabral" foi construído na Inglaterra para a Marinha Imperial do Brasil, durante a Guerra do Paraguai e que integrou a Esquadra sob o comando do Visconde de Inhaúma.

O encouraçado "Colombo" (da mesma classe que o "Cabral") construído na Inglaterra para a Marinha Imperial do Brasil, durante a Guerra do Paraguai e que integrou a Esquadra sob o comando do Visconde de Inhaúma.

HOMENAGEM AO VISCONDE DE INHAÚMA

Oração proferida pelo Vice-Almirante (EN) Abel Campbell de Barros por ocasião da romaria ao túmulo do Almirante Joaquim José Ignácio, Visconde de Inhaúma, no cemitério de São Francisco Xavier, no dia 8 de março de 1969, por ocasião das comemorações do centésimo aniversário de seu falecimento.

Ex^{mo}. Sr. Ministro da Marinha
Ex^{mas}. Autoridades Cíveis e Militares
Minhas Senhoras e Meus Senhores

Convidado pelo Excelentíssimo Senhor Ministro da Marinha para proferir a oração junto ao túmulo do Almirante

Joaquim José Ignácio, Visconde de Inhaúma, por ocasião do 1º centenário de seu falecimento, sinto-me emocionado com tal distinção.

Habitado a ouvir, desde minha infância, o relato de seus grandes feitos, considero um privilégio e uma honra a oportunidade que se me oferece, de reverenciar a memória de tão ilustre Chefe.

Na data de hoje, há cem anos, cobria-se de luto e de dor a nação brasileira. Falecera o Almirante Joaquim José Ignácio, Visconde de Inhaúma, após 47

anos de inestimáveis serviços prestados à Pátria.

O valente guerreiro que tantas vezes desafiara a morte, o herói que enfrentara e ousadamente transpusera as baterias de Curupaiti e que, com a graça de Deus, vencera a inexpugnável Humaitá, caíra finalmente, vítima de sua própria dedicação ao serviço, que o levava ao extremo sacrifício.

Tendo deixado o Comando-em-Chefe das Fôrças Navais Brasileiras em operações de guerra, em virtude de seu precário estado de saúde, que se agravava dia a dia, e tendo declarado que só o fazia por sua convicção segura de que não mais havia fortificações a destruir nem navios inimigos a combater, embarcou na Corveta *Nictheroy*, regressando ao Rio de Janeiro, onde chegou a dezoito de fevereiro, falecendo dezoito dias mais tarde.

A população recebeu-o triunfalmente, mas não pôde êle sequer corresponder ao tributo merecido que lhe dispensava o povo reconhecido.

Desembarcara de maca de bordo da corveta, sendo transportado até o Arsenal de Marinha no fundo de um escaler.

Seu estado de saúde já não era bom por ocasião da Passagem de Humaitá, efetuada um ano antes, o que podemos constatar pela bellissima carta por êle escrita à sua querida espôsa, dois dias após o memorável feito e que peço licença para transcrever:

“Humaitá (no Rio) 21 de fevereiro
de 1868

Minha querida e muito estimada Baronesa

Venci Humaitá a 19 d’este mes pela madrugada.

Delfim passou com a minha 3ª Divisão por cima das correntes. O inimigo deu mais de 3.000 tiros, a que respondi com mil; e não tive nem um morto, nem um ferido. Delfim foi levemente contundido; Etchebarne foi ferido levemente; Maurity foi o heroi do dia; vou dar viva. Viva. Todos os que me estimão ajoelhem, agradeção a Deos e a sua Mãe Santíssima a vitória que me deo; cho-

rem de prazer como eu choro. Adeos. Fico bom, quanto é possível bom. E quem não ficaria bom no meu caso, ainda que andasse sobre moletas?

Um abraço de coração em todos
Seo muito amante marido”

Joaquim B. de Inhaúma

Presentindo então que seu fim estava próximo, comentava êle: “Os principes da ciência esforçam-se por prolongar a vida aos restos de Joaquim José Ignácio, representado pelo Almirante Inhaúma; mas êles, com todo o seu saber, não podem operar uma ressurreição. Cheguei ao fim da romaria; vou dar contas a Deus”.

Como dizia Ernesto Sena, Joaquim José Ignácio, Visconde de Inhaúma, ficara no Paraguai, onde consumira tôdas as suas fôrças. Voltavam seus restos quase inanimados. Apenas pela graça divina ainda podia reconhecer sua família.

Êste mesmo povo que dias antes o recebera com tamanhas demonstrações de entusiasmo e alegria, agora chorava aqui neste local a perda de tão illustre personalidade.

Diz um seu biógrafo que a seu entêro compareceram mais de trezentas caruagens e a população, formada em alas, descobria-se respeitosamente à passagem do cortejo fúnebre, acompanhado igualmente pelos Ministros da Marinha e da Guerra, Conselheiro Afonso Celso, Almirante de Tamandaré e Barões de Itapagipe e Suruhy, que seguravam as argolas do caixão.

Ao descer o corpo, o Conselheiro Felix Martins recitou os seguintes quartetos como última prece ao herói que acabava de desaparecer:

*Agora sim, a terra vai cobri-lo
Como soe ao heroi cobrir a terra
Ficando nela o corpo inanimado,
Enquanto o céu o espirito lho encerra.*

*Farol eterno, as gerações guiando
No rumo da virtude, êste jazigo
Ressumbrará constante o amor da pá-
[tria,
Que se acrisola à fôrça do perigo.*

*Agora, sim, a terra vai cobri-lo
Com o seu denso e mórbido sudário...
Embora! Há d'ém relêvo ficar sempre
O vulto de Inhaúma — o legendário.*

Passados 39 anos, por ocasião do centenário de seu nascimento a 30 de julho de 1908, publicou o Chefe do Estado-Maior da Armada uma Ordem do Dia na qual dizia:

“Rememorando este ilustre nome e pondo em destaque na atualidade o heroísmo e a gloriosa personalidade que elle evoca cabe-me a honrosa satisfação de firmar, sob a inspiração de irreprimível saudade e de gratas recordações, a presente ordem do dia, consagrada, em nome da Marinha, ao centenário de um dos seus mais queridos e celebrados chefes.

Não só a visão triumphal da sua estrêlla de Almirante, cujo brilho o tempo cada vez mais apura e desempana, não só o sereno e crescente apreço do seu valor militar e a estimação critica de sua incalculável valia, como robusta parcella da nossa nacionalidade, mas

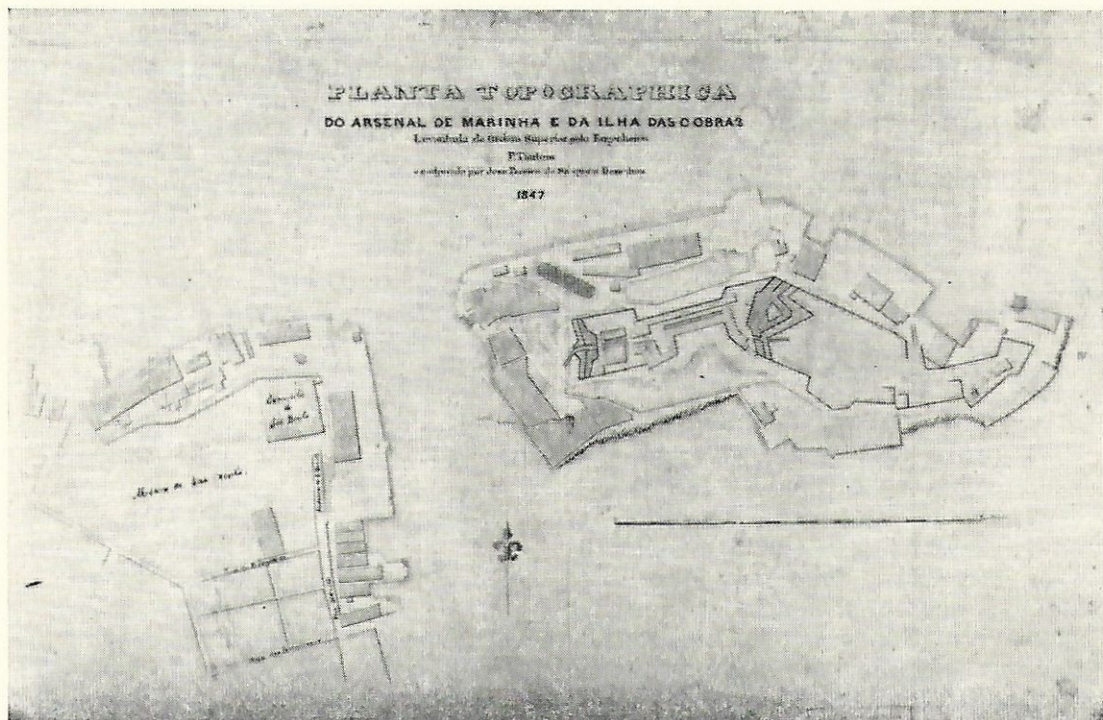
também as impollutas paginas de sua vida civil e os fecundos exemplos de sua cordura e reflectida pertinacia, que lhe foram normas do nobre character, a esmerada illustração e capacidade proffissionais, de que deixou eloquentes e iniludíveis provas, impõem-nos hoje o culto íntimo da saudade, a quantos tiveram a fortuna de conhecê-lo, assim como a veneração profunda da classe e da Pátria a que elle por tantos annos servio e tão estranhadamente edificou e estremeçou.

No operoso e lento peregrinar de aspirante a almirante, Joaquim José Ignácio subio sempre com distincção, mas paulatinamente, todos os degrãos da profissão naval militar, na qual se ennobrecou, ennobrecendo também a sua classe.

No paiz e no estrangeiro desempenhou elle com ilustre saber as mais difficeis, variadas e importantes commissões.

Commandou em chefe, com perfeita envergadura, severo valor e notoria capacidade dirigente, a mais numerosa, activa e imponente armada que jamais possuio o Brasil em operações de guerra.

Planta do Arsenal de Marinha (esquerda) e da Ilha das Cobras (direita), à época em que Joaquim José Inácio era seu diretor.



Ministro da Marinha, sahio-se do serio encargo com galhardia, graças à ductilidade do seu espirito preparado e ao zelo prudente com que administrou, usando o tacto e energia, como pelejara, e promovido effeitos duradouros que lhe valeram o applauso dos competentes e a confirmação da sua benemerencia na classe.

Eminente estrategista e mestre tactico, foi ao mesmo tempo o mais versado e completo entendedor em marinha, de sua época. Dotado de alta cultura scientifica, litterato, publicista, philologo, orador e estadista, revelou os seus talentos em meio idoneo para julgá-los em benévola acquiescência, qual o fez louvando-o com enthusiasmo em pleno parlamento o emerito homem de estado Zacharias de Goes e Vasconcellos, aliás de austera e proverbial sobriedade.

Que mais restará dizer em prol da glorificação de tão sublimado brasileiro, neste dia para sempre memorável em que a Pátria certamente o contempla e abençoa, com acrysolado amor, carinho e admiração?"

Hoje, passados cem anos de seu falecimento, podemos ainda repetir, como actual, mais um trecho da mesma Ordem do Dia de 1908:

"E a Marinha, honrando com o seu applauso e imitação, o heroismo, o saber magistral e o acendrado patriotismo

de seu grande antepassado, presta hoje e prestará sempre as homenagens de reconhecimento e gratidão à sua eterna memória."

Tal como recitou o Dr. Joaquim José Teixeira por ocasião do enterramento:

*Teu nome viverá de dia em dia
E da valente armada, em toda a idade
Serás o exemplo magno e o magno
[guia.*

Honra ao imortal Almirante Visconde de Inhaúma!

Finalizando a presente oração, pedi-rei ao bom Deus que lhe dê um lugar de refrigério e lhe conceda o descanso eterno, e rezarei, em intenção de sua boníssima alma, uma Ave-Maria:

*Ave Maria, cheia de Graça, O Senhor
é Convosco*

*Bendita Sois Vós entre as mulheres e
bendito é o fruto do Vosso ventre,
Jesus.*

*Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por
nós pecadores agora e na hora de
nossa morte*

Amém!

